

OS MARCADORES DE PODER PRESENTES NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

GIUSTI, Juliana Verneti¹; RODRIGUES, Carla Gonçalves²; MESQUITA, Camila Rodrigues de³; SCHNORR, Samuel Molina⁴; WIKBOLDT, Josimara Silva⁵

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da UFPel. juugiusti@hotmail.com. ² Professora do Departamento de Ensino da FaE – UFPel. cgrm@ufpel.tche.br. ³ Aluna do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Pelotas. camilarc@gmail.com. ⁴ Aluno do Curso de Biologia da UFPel. schnorr_m@yahoo.com.br. ⁵ Aluna do Curso de Pedagogia da UFPel. josiwikboldt@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho ampara-se no Projeto de pesquisa intitulado “*Escrileituras: um modo de ‘ler-escrever’ em meio à vida*” que tem como Núcleo sede a UFRGS, além da parceria das seguintes Instituições: UFPel, UFMT e UNIOESTE. O objetivo principal do referido Projeto é encontrar alternativas que visem à superação dos baixos índices educacionais brasileiros, visto que uma das metas do MEC no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) é elevar o IDEB brasileiro. Para isso, nas diferentes etapas da Educação Básica e Superior, serão apresentadas diversas linguagens e formas de pensar no que diz respeito à leitura e escrita, compreendendo-as como ações inseparáveis e fortemente relacionadas.

Diante disso, faz-se a pergunta: a que se refere “*Escrileitura*”? Ao contrário do que a maioria pode pensar, não é o simples ato mecânico de aprender a ler e a escrever decodificando símbolos. Vai além disso: é relacionar o saber, o viver, o sentir, o pensar, ou seja, é produzir sentidos às criações que se estabelecem nessa aprendizagem. É sair da uniformidade em que se encontra o pensamento, o qual apenas obedece às regras linguísticas, e buscar, por meio da experimentação, outras formas de inventar e reinventar a linguagem. Para tal, através de Oficinas de Escrileituras, voltadas para professores do ensino superior, do ensino básico e alunos da rede escolar, procura-se relacionar diferentes campos de conhecimentos: Filosofia, Música, Teatro, Artes Visuais e pensamento Lógico-Matemático.

Nessa perspectiva, foi oferecida, pelo Núcleo UFPel, a Oficina “*Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral*”, a qual faz parte da pesquisa de mesmo nome, tendo como intenção destituir alguns marcadores de poder (DELEUZE, 2010) presentes na formação de professores, fomentando experimentações no ato de ler e escrever. Esses marcadores estão aqui representados por práticas sedimentadas, especialmente percebidas nos cursos de licenciatura, nas quais são reproduzidas formas de avaliação, teorias e textos de autores consagrados como clássicos. Ademais, constantemente utilizam-se materiais didáticos, tais como cópias xerox e aulas em arquivos *power point*¹, geralmente lidas pelo ministrante do conteúdo. A sala de aula é organizada, preferencialmente, na forma tradicional – professor ocupa a parte da frente da classe, tendo para seu uso uma mesa maior, já os alunos ficam virados para ele, sentados uns atrás dos outros –, em que o educador detém maior parte da fala, enquanto os educandos permanecem em silêncio e, quase sempre, inertes. Nessa situação, há tendência à transmissão de conhecimento por parte do professor. Além

¹ Neste caso a tecnologia é utilizada para reproduzir um modelo tradicional de ensino em que o conhecimento é tratado como informação.

disso, como forma de avaliação, o docente aplica provas individuais sem consulta, contemplando fatos e definições retidas através da memorização mecânica, que acaba medindo apenas o que supostamente foi aprendido pelos alunos. É como se a formação inicial de professores estivesse estagnada no tempo, pois nada ou muito pouco muda, enquanto o mundo está em constante emissão de variados signos a serem captados por aqueles futuros profissionais da educação, os quais se mantêm confinados no espaço interno da Universidade.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A Oficina *“Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral”* ateuve-se na conexão do passeio urbano com o ato de formar professores, com o intuito de sair do território habitual da sala de aula, ou seja, promover alguma desterritorialização nos participantes. Isso porque este ambiente se constitui em um espaço de poder, em que o entorno, por vezes, pouco é percebido e sentido pelos sujeitos ali envolvidos. Para o registro das saídas de campo, utilizaram-se câmeras fotográficas e um bloco de notas. Entre os passeios (caminhada, ônibus e barco) foram apresentados e estudados textos da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, obras literárias e poéticas, entrevistas de artistas e cientistas, leituras comentadas, leituras dirigidas, debates, projeções em DVD de documentários, vídeos de artistas e imagens de práticas artísticas contemporâneas, apresentações de imagens bidimensionais, exercícios ensaísticos de escrita (entre filosofia e literatura) articulados a outros modos de expressão próprios do campo da elaboração de vídeos.

Durante uma semana, totalizando quarenta horas, realizadas em dois turnos (manhã e tarde), deram-se, por concluída, as atividades da Oficina, culminando com a apresentação de vídeos editados com o uso do *movie maker*², reunindo o registro das imagens, filmagens e escritas realizadas durante os passeios urbanos. Os participantes eram de diversas áreas: Artes Visuais, Pedagogia, Arquitetura, Veterinária, Filosofia, Ciências Sociais, Agronomia, Geografia, História e Serviço Social. Todos foram instigados a falar, expor suas opiniões, suas dúvidas ou ideias, havendo, dessa forma, uma grande troca de experiências. O método utilizado para a produção de dados foi o cartográfico, já que se considera relevante o processo investigativo, levando em conta os próprios registros realizados pelo cartógrafo no ato de investigar. Não são fixadas metas a serem alcançadas, sendo essas estabelecidas ao decorrer da pesquisa. Em síntese, pode-se dizer que cartografar é experienciar, havendo intervenção e relação do pesquisador com o meio e o objeto. Portanto, o método cartográfico faz-se através de uma pesquisa-intervenção em que “conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho” (PASSOS & BARROS, 2009, p. 30).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que o trabalho de produção de dados está em fase de desenvolvimento, não é possível apresentar resultados profundamente analisados, e sim apenas provisoriamente manipulados. Atendo-se aos registros feitos pelos participantes, através do vídeo e anotações nos blocos, acredita-se que, até então, o

² Software básico de edição de vídeos, incluindo imagem e som, com suporte de alta definição.

modo como se desenvolveu a Oficina proporcionou um movimento de subtração de alguns dos marcadores de poder acima destacados. A experiência com o passeio urbano ocasionou o encontro com signos emitidos inabitualmente, tanto pela caminhada sem destino pré-definido, como pela observação do trajeto feito diariamente, produzindo olhares e percepções distintas naqueles que utilizam o ônibus urbano linha Benjamin-Cohabpel. Quanto à saída de barco, entende-se que essa provocou sensações e afecções ainda não vividas pela maioria, visto que tais participantes nunca haviam experimentado locomoverem-se sobre a água, fato esse que favorece o rompimento com trajetos lineares balizados pelas vias de passeio público em uma cidade.

Através dos comentários dos participantes, compreendeu-se a importância das saídas de campo nos cursos de licenciatura para a ampliação do campo perceptivo e sensitivo do futuro professor, possibilitando a ampliação da sua escrita, neste caso, do ato de ler e escrever da zona urbana da cidade de Pelotas. Salienta-se que no início notou-se certo estranhamento por parte dos oficinairos no que diz respeito à ausência da sala de aula como o lugar de realização de aprendizagens. Com o tempo, esse estranhamento foi sendo substituído por curiosidade. A partir daí, a incessante busca pelo novo, o exercício de agenciar variadas formas de expressão e de conteúdo (DELEUZE & GUATTARI, 1997), assim como o desenho de planos de consistências (DELEUZE & GUATTARI, 1996) com tais formas, deu início a um processo de orientação do caos de tudo aquilo que estavam experimentando em suas vidas, isto é, de sensações e pensamentos de diversas naturezas na constituição da docência.

O uso entrelaçado de saberes advindos da arte, da filosofia e da ciência durante as aulas teóricas, na formação de professores, possibilitou, conforme afirmam Deleuze e Guattari (1996), o enfrentamento do pensamento caótico no ato de criação do vídeo, num mergulho em busca de elementos para que seja possível construir planos concretos de realidade. Corazza (2011, p. 2) indica: “Rejeitar as modelizações confinantes, que negam o novo e requerem, apenas, regularidades, médias e métricas: priorizando a poética, o processual e a reversibilidade”.

Durante a Oficina, um dos oficinairos afirmou: “A avaliação tranca o aluno”. A partir dessa frase, pode-se dizer que o aluno, por vezes, tem receio de se expressar e se arriscar, pois se sente tolhido pela avaliação baseada em uma concepção de certo ou errado. Normalmente, o erro é visto como algo ruim e o conhecimento é medido através de notas. Também é comum os alunos estudarem e decorarem os textos que serão cobrados nas provas, acabando por apenas reproduzir trechos que, na verdade, não foram compreendidos, apenas memorizados, pois a experimentação do conceito não foi contemplada. Ora, mesmo o *movie maker* sendo um programa ainda estranho para alguns, sua utilização na produção do vídeo serviu como modo de avaliação das aprendizagens consolidadas. Também auxiliou a notarem quais os procedimentos, que pretendiam “[...] colocar ordem nas indeterminações que nos impulsionam. [...] criar uma ordem aos impulsos de tal maneira que eles não sejam negados, mas afirmados” (FEIL, 2010, p. 7).

4 CONCLUSÃO

Os marcadores de poder são cada vez mais evidentes na Educação Superior, tornando o estudo acerca desta questão de extrema importância para se repensar as formas de constituição docente nesta contemporaneidade, desfazendo-se de moldes pré-fixados, abrindo-se para o novo e inesperado. É preciso “[...]”

desembaraçar-se das divisões e regras artificiais, dos poderes, das instituições, dos impedimentos, das representações, das idéias feitas, dos clichês; de tudo que desvia e bloqueia os processos postos em movimento. Desembaraçar-se de tudo o que imobiliza, que *sedentariza*: palavra-refrão” (SCHÉRER, 2005, p. 1185). Dessa forma, faz-se um movimento de rizomatização, ou seja, compreendendo que há diversas formas de pensar, de relacionar e de agenciar diferentes conhecimentos. É a multiplicidade em conectar o que não se conhece àquilo que já se sabe, é o agenciamento de linhas distintas, as quais virão produzir um novo sentido para a educação e, mais especificamente, para a formação docente na ampliação da leitura e escrita, não só de conhecimentos acadêmicos, mas da própria vida daquele que escreve.

5 REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. Ca.Obe#1 - Caderno de Notas | Programa Observatório da Educação - **Oficinas de Transcrição (OsT)**. 1. ed. Porto Alegre: OBEDUC - BOP, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro: um manifesto de menos; O esgotado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (TRANS.)

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. v.2. (TRANS.)

FEIL, Gabriel. **Procedimento e erotismo na obra deleuziana: considerações** (Texto digitalizado, 12 p.) Porto Alegre, dez. 2010.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro: Um manifesto de menos. O esgotado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. A Cartografia como Método de Pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Capítulo 1, p. 17 – 31.

SCHÉRER, René. Aprender com Deleuze. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183 - 1194, Set./Dez. 2005

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.